

# A SITUAÇÃO DO ESCRITOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

## CARDOSO PIRES:

### «A universalidade de uma literatura faz-se de dentro para fora: começa em cada país».



José Cardoso Pires

«...E esse tempo previram-no os libertinos de melhor fibra quando souberam retirar-se da cena, depois de terem feito triunfar o espírito cidadão e de o reconhecerem inadaptável às sociedades do novo século. Previu-o Saint-Just quando desafiou a lei provinciana ao anunciar que a felicidade era possível na Terra.»

Cardoso Pires: «Cartilha do Marialva».

**R**OMANCISTA, contista, autor de um ensaio importante — «Cartilha do Marialva» — e de uma peça de teatro que marcou um lugar e um tempo na escassa e pobre produção teatral portuguesa — «O Render dos Heróis» —, José Cardoso Pires nasceu no Peso, aldeia da Beira Baixa, em 1925. Ainda pequeno, veio para Lisboa. Cardoso Pires é um homem e um escritor da cidade mesmo quando os temas de que se

ocupa se enquadram em ambientes provincianos.

Em Lisboa, portanto, cresceu. Concluídos os estudos secundários, matriculou-se em Matemáticas, na Faculdade de Ciências, que em breve abandonou para ingressar na Marinha Mercante. Tinha então vinte e um anos. Como praticante de piloto sem curso, fez três viagens à África. Depois, troca a Marinha por uma companhia de aviação. Falava várias línguas. Lia muito, sobretudo os autores modernos americanos, que, à época, começavam a ser conhecidos em Portugal, particularmente Faulkner e Hemingway. E Raul Brandão, e Tchekov. O conto era o que mais o interessava. Fez traduções. Mudou frequentemente de emprego, envolveu-se em experiências editoriais e literárias. Em 1950 entra para a revista «Eva», como chefe de redacção.

No ano anterior, publicara o seu primeiro livro: «Cami-

nheiros (1949), em breve seguido de uma nova recolha de contos: «Histórias de Amor» (1952).

O seu contacto com o grupo surrealista de que faziam parte Vespeira, O'Neill, Fernando Azevedo, Luís Pacheco, António Pedro, José Augusto França, poucas marcas deixaria na sua obra. Ao referir-se hoje a esse período, diz José Cardoso Pires:

—O que eu pretendia era encontrar um enquadramento materialista do fenómeno amoroso, a que fugiam neo-realistas e modernistas.

A importância desse contacto revelar-se-ia a outro nível: no interesse persistente de Cardoso Pires pelas artes plásticas, pela arquitectura e pelo urbanismo, como expressões de uma realidade e de uma vivência humanas, no que elas têm de uno e global.

Em 1958 publicou o seu primeiro romance: «Anjo Ancorado». Seguem-se-lhe: «Cartilha do Marialva ou das Negações Libertinas» (1960), «O Render dos Heróis» (1961), encenado por Fernando Gusmão no Teatro Moderno de Lisboa, «O Hóspede de Job» (Prémio Camilo Castelo Branco, 1963), «Jogos de Azar» (contos), e «O Delfim» (1968).

Como ele próprio confessa, o romance é para Cardoso Pires uma força de investigação do real.

«Do «Anjo Ancorado» ao «Delfim», há uma linha de procura sistemática de transfiguração dos mitos da realidade contemporânea portuguesa, uma recuperação contínua dos valores tempo e espaço e uma discussão em termos narrativos da verdade objectiva.»

Isto diz o escritor em 1969. E afirma ainda:

«No «Anjo Ancorado», conto as coisas. No «Hóspede de Job», faço hipóteses. Em «O Delfim», despieto-me numa sucessão de planos dialécticos.»

A explicação que o autor dá da sua própria obra enquadra-se, aliás, com o que dele afirma Oscar Lopes:

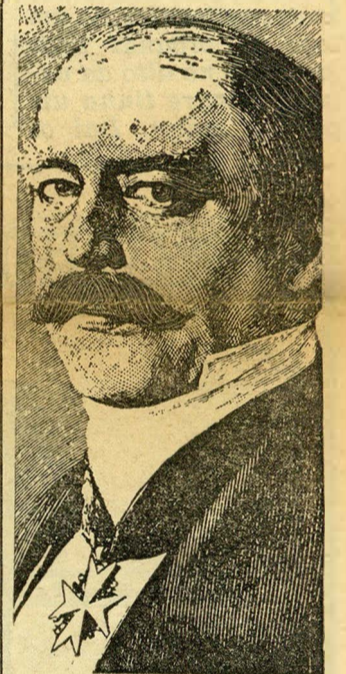
«Uma obra realista não descobre apenas novos objectos. novas faces nas coisas, mas

também, e por isso mesmo, um novo sujeito daquele sentir (...). A humanidade só tem a certeza de conhecer o mundo na medida em que é já capaz de o refazer a seu favor; e por isso o ponto de vista daqueles que mais precisam de refazer a realidade material, e portanto a própria realidade humana a ela moldada, é sempre potencialmente o mais fecundo, o mais realista, aquele

(Continua na 8.ª pág.)

## BISMARCK:

### «Amo o pietismo nas mulheres.»



(ler artigo de Agustina Bessa Luís, na pág. 5)

# QUINTA-FEIRA à tarde

N.º 644

## UM ROMANCE DIFÍCIL

**E**a nossa uma época essencialmente trágica mas recusamo-nos a aceitá-la trágicamente. Já sobreveio o cataclismo, estamos, entre as ruínas, começamos a construir os nossos pequenos e novos lares e a ter novas esperanças. É uma tarefa bastante difícil: não se alcança o futuro por uma senda de amenidades: mas nós rodeamos ou ultrapassamos os obstáculos. Temos de viver e não importa quantos céus tombaram. O mundo era assim em 1928, para D. H. Lawrence, e são assim as primeiras linhas de Chatterley. Eu diria que poderiam ser as primeiras linhas de um prefácio a este notável romance de Natália Correia, com uma única

alteração: é que já não podemos ultrapassar ou rodear os obstáculos.

As feridas dos fronts de 1914-1918 sangravam ainda em 1928 e sangravam tanto que se tornava necessário reinventar um novo humanismo que fosse o espelho de um novo paganismo. Não sangram já as feridas de 1939-1945; hoje há pensos

diversas histórias entrelinhadas de alguns episódios decorativos que, no conjunto, ilustram uma estranha actividade humana. A decoração ambiental, por vezes pitorescamente gótica, relaciona-se intimamente com a decoração humana, e seres e paisagens fundem-se numa ousadia de afinidades a que já não estávamos habituados. Temos, portanto, um romance classicamente concebido, mas não tradicionalmente obediente. O desenho moral da reconstituição de Miguel é uma larga divagação sobre o destino moral do homem e o próprio fecho da obra talvez se encontre nestas palavras de Miguel: o espírito é um brinquedo que a Natureza deu aos Homens para eles brincarem aos Deuses. A guerra foi uma pompa sangrenta do espírito. Uma ferida que ainda não cicatrizou. Ai tens porque eles fazem uma desesperada tentativa para se descivilizarem. E, com efeito, estamos perante uma consciante tentativa de descivilização proporcionada pelo conhecimento íntimo dos nossos erros que se transformam, no decurso da História e no correr do romance, num mais do que pungente motivo de ódio ou de desprezo, ou de auto-abjeção.

Que se passa? Tudo e nada. (Continua na 18.ª pág.)

Por JOÃO PALMA-FERREIRA

eficazes e de Hiroxima e Nagasáqui correm apenas memórias que o mundo pretende esquecer rapidamente, aturdido pelo brilho falso da sociedade de consumo. Mas nem todos esquecem, não obstante, ou nem todos aceitam esquecer a troco de uma esperança que já atraiçou o homem. A Madona é, precisamente, uma obra gravada de memória e a memória é um dos ingredientes mais amplamente utilizados pela autora na tessitura deste grande e loquaz canto poético.

Livro de relações, ampla divagação pela profunda agonia do convívio, cruzam-se nele



Natália Correia

romance de Natália Correia, com uma única

## ÁGUAS CORRENTES

### UM ESTUDIOSO E NOTÁVEL INVESTIGADOR

**T**ODOS temos nossos sonhos e mal daqueles que os não têm, que abdicam de uma das mais belas condições dadas ao ser humano. Quando eles se realizam, o homem pode descer à terra com a íntima satisfação — quando transparece é vaidade — de haver cumprido alguma coisa justificativa de seu nascimento. Mas, se as circunstâncias dessa própria vida em estranho casamento com o exagero do sonho não deixam que o etéreo se concretize, o imaginador consciente revolve-se

Por JOSÉ DE FREITAS

na inquietação amarga do seu malogro. Se for senhor de fazenda e de influência, a corte dos lisonjeiros, embaladores da mentira, tenteará o remorder conflituoso do vazio criado pela inutilidade do não conseguido. A lisonja consola, também ilude e engana, mas não deixa de ter certo

(Continua na 19.ª pág.)



# A SITUAÇÃO DO ESCRITOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

(Continuação da 1.ª pág.)  
cuja subjectividade superior o bom artista tende sempre a assumir, mesmo sem dar por isso. Cardoso Pires tem a vantagem técnica de o saber, e de saber exactamente o que pode com os seus dons.»

A par da actividade literária, Cardoso Pires exerceu sempre outras, ainda que à primeira ligadas. Foi editor e conselheiro literário de várias casas editoras. Fez parte da direcção da «Gazeta Musical e de Todas as Artes». Em 1969 fundou e orientou a célebre revista «Almanaque», da Editora Ulisseia, onde reuniu, numa experiência singular no quadro das publicações portuguesas, Augusto Abelaira, José Cutileiro, Alexandre O'Neill, Baptista-Bastos, José Palla e Carmo, entre outros.

Está representado em antologias editadas em Inglaterra, França, Itália, União Soviética, Alemanha, Checoslováquia, Hungria, Roménia e Jugoslávia. «O Hóspede de Job» foi traduzido para francês, italiano, alemão, húngaro e romeno. Os direitos de tradução de «O Delfim» foram já vendidos para Inglaterra, França e Espanha. Participou em diversos congressos, tendo viajado por quase todos os países da Europa e pelo Brasil. Fez parte da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores e foi vice-presidente da delegação portuguesa da Comunidade Europeia de Escritores.

## O ESCRITOR SEGREGADO DO CONVÍVIO PÚBLICO

— Com base na sua experiência pessoal, qual a principal dificuldade que um escritor encontra na edição da sua obra?

— O meu primeiro livro foi publicado em edição do autor e creio que isso se deveu a não haver, na altura, jornais literários, cooperativas ou movimentos que revelassem os jovens autores e os fizessem interessar às editoriais.

— Tiragem normal de uma obra sua? Medidas aconselháveis a um aumento da tiragem?

— 5000 exemplares. Actualmente este quantitativo corresponde também às reedições.

Como se sabe, o aumento das tiragens depende da promoção da Cultura a uma escala nacional, do poder médio de compra e do aparelho comercial das editoriais. A meu ver, o factor mais importante é o primeiro, e é mais do que evidente que o escritor, entre nós, tem sido segregado deliberadamente do convívio público por isso, limitadas as suas influências e difusão. Não conheço autor português de alguma importância que não tenha disso uma experiência pessoal e concreta.

— Especifique e diga se considera satisfatórias as actuais condições de pagamento e promoção de vendas. Meios de se obstar a essas deficiências — se deficiências existem.

— Os editores portugueses, pagando aos chamados autores da casa 20 por cento de direitos sobre o preço de capa, ultrapassam largamente a tabela dos outros países. O mal está em que as tiragens que o mercado comporta são flagrantemente mais baixas e daí ser na realidade insuficiente a receita global do autor. Penso portanto que o editor em Portugal — nos melhores casos, evidentemente — se encontra na mesma situação de desfavor do editado.

Tudo, ao cabo e ao resto, depende do alargamento do mercado, e para tanto — insisto — torna-se indispensável que, em primeiro lugar, se considere a difusão da Cultura a uma escala verdadeiramente nacional e que, dentro dela, seja considerada a literatura contemporânea — a viva, a actual — como uma força vital e actuante.

Em segundo lugar, compete às empresas editoriais reverem a sua política de produção. Se é certo que elas não podem, por si sós, superar todos os entraves que intencionalmente lhes são impostos, não é me-

nos verdade que, vivendo sob o espectro da arbitrariedade, estas firmas carecem de planificação e de confiança nas iniciativas menos convencionais. A maioria das casas editoras acusa graves deficiências nos sectores da distribuição e promoção de vendas. Parece-me significativo que não exista em Portugal uma bem controlada organização distribuidora capaz de alargar a rede dos pontos de venda do livro ou sequer de exercer uma acção profunda sobre aquela que existe.

Semelhante situação de rotina atrofia a capacidade de iniciativa. De um modo geral os editores carecem de audácia no que se refere ao lançamento de novos escritores — e este é um aspecto essencial para o País e para a vitalidade da Edição. Certas casas apresentam programas actualizados em relação aos autores estrangeiros, enquanto nos da literatura nacional se mostram conservantistas ou desinteressadas.

— Traduções: papel do editor no fomento das traduções e quais as razões limitativas de uma actuação mais eficiente?

— O problema das traduções é complexo. Antes de mais nada, o prestígio de uma literatura no estrangeiro não depende unicamente da qualidade intrínseca das obras que se pretendem colocar. Depende da presença contemporânea do país que essa literatura representa — ou seja: é função do interesse que a opinião dos mercados internacionais demonstre pela realidade histórica de um país cuja literatura se pretende divulgar dentro deles.

É evidente que, a partir deste condicionamento de base, cabe às editoras e aos agentes literários um papel importante no fomento das traduções. Graças à sua participação em certames internacionais e aos seus contactos comerciais, eles podem exercer com êxito essa actividade, se usarem de uma selecção criteriosa dos títulos e dos autores.

— Vive exclusivamente da sua profissão de escritor ou esta constitui uma segunda profissão? Razões e inconvenientes — se os encontra — desta situação? Meios de os solucionar?

## VIVO DE SER ESCRITOR

— Vivo exclusivamente da actividade de escritor: recebo uma mensalidade por conta dos meus direitos autorais, dirijo uma colecção numa editorial e tenho a meu cargo o suplemento literário de um jornal.

— Nas actuais circunstâncias, considera devidamente salvaguardados os direitos de autor?

— «Devidamente», não. Sem uma associação de classe os direitos estão condicionados pela discussão individual do contrato.

— Recebeu algum prémio literário? Qual o seu valor? Qual a função, em sua opinião, dos prémios literários?

— Pelo romance «O Hóspede de Job» foi-me atribuído o Prémio Camilo Castelo Branco, no valor de 50 000 escudos.

Considero que além de poderosos estímulos e de importantes argumentos de divulgação, os prémios são uma demonstração de vitalidade cultural e uma premissa dinâmica no diálogo do escritor com a sociedade a que pertence. Através deles, interessam-se novos públicos, revelam-se autores, acelera-se a edição, situa-se o fenómeno literário no plano dos acontecimentos colectivos. No meu caso, devo ao Prémio Camilo Castelo Branco o acesso aos editores estrangeiros onde estou publicado.

— Quais as possibilidades de universalismo da literatura de língua portuguesa?

— É minha convicção que a universalidade de uma literatura

se faz de dentro para fora. Quero dizer que começa em cada país e com as garantias indispensáveis para se prestigiar em qualidade e significado. A par disso e do nível do ensino da literatura nos estabelecimentos escolares nacionais, há um trabalho a desenvolver no estrangeiro ao nível cultural e diplomático, através das leitorados, bibliotecas universitárias, conferências itinerantes, participações em congressos internacionais, exposições, cursos de férias, etc. Tais empreendimentos só são susceptíveis de alcançar resultados apreciáveis se forem estruturados com sentido actualizado, isto é, sem estreitezas e proselitismos e fora das acomodações da sebeta e do historicismo.

## SEMPRE EXISTIU EM PORTUGAL INTERESSE PELA LITERATURA BRASILEIRA

— Concorda que existe uma literatura de língua portuguesa?

— Evidentemente que sim.

— Quais as possibilidades e as dificuldades de aceitação da actual literatura portuguesa no Brasil e vice-versa?

— Existe em Portugal, sempre existiu, um clima de interesse pela literatura brasileira. Indiscutivelmente que sim. Graciliano, Lins do Rego, Manuel Bandeira, Drummond de Andrade e, mais recentemente, João Cabral de Melo Neto são desde a primeira hora conhecidos de uma larga camada de leitores portugueses. Alguns influenciaram, até muito dos nossos escritores...

Depois, também não esqueço que à volta dos últimos anos da Segunda Guerra Mundial a edição brasileira mobilizou uma parte muito importante do nosso mercado; e, finalmente, que uma das nossas maiores editoras, em matéria de literatura de língua portuguesa, publico exclusivamente autores brasileiros.

A contrapartida é que não se verifica, infelizmente. As razões desse desinteresse por parte do público de além-Atlântico são variadas: imobilismo cultural das colónias portuguesas; uma certa atitude paternalista assumida durante anos e anos nos acordos com os brasileiros; retracção destes e algum sectarismo à mistura; dificuldades específicas do mercado brasileiro, sobretudo na complexa máquina da distribuição e cobrança; deficiências do condicionamento da exportação do livro (que só recentemente foram eliminadas, penso eu). Por último, a antiga e inoperante obstinação de alguns responsáveis em criarem e imporem uma literatura do Estado.

Não obstante, os professores brasileiros têm exercido uma

valiosíssima e séria divulgação dos nossos escritores contemporâneos. Com sacrifício e dedicação publicam trabalhos, organizam bibliotecas e fazem do Instituto de Estudos Portugueses e dos Centros Universitários os únicos núcleos verdadeiramente actualizados na informação literária portuguesa no Brasil.

— Que é para si a literatura?

— Considero impossível que um escritor verdadeiramente consciente possa responder a essa pergunta em meia-dúzia de linhas ou em meia-dúzia de páginas...

— Influência do jornalismo e do cinema na literatura portuguesa actual.

— A influência do jornalismo é nula. O jornalismo português, de resto, é praticamente inexistente. Quanto ao cinema, é um dos veículos do fenómeno da recriação e, por consequente, influente na literatura portuguesa, brasileira ou abexim.

— Em que medida, ao escrever, considera ou não participar na vida dos nossos dias?

— Escrever é participar. Mesmo os escritores nefalibas, quando julgam evadir-se, escrevendo, compoemem-se sôzinhos. É com eles.

MARIA ANTÓNIA PALLA